



Muito além do discurso: por uma metodologia de análise dos portais da Internet¹

Janara Sousa²
Universidade de Brasília
Elen Geraldles³
Universidade Católica de Brasília

Resumo

Muitos teóricos da Comunicação, como Luiz Martino, vêm se esforçando na busca de discutir o papel dos meios de comunicação, no âmbito dos estudos da área. Apesar das óbvias divergências, o que fica evidente no discurso dos teóricos é que os estudos da Comunicação se referem ao processo comunicacional mediado. O qual situa o objeto de pesquisa como tecnológico. Em que pese os esforços no campo teórico e epistemológico, a discussão metodológica na área não teve grandes avanços. Os desafios que os ambientes virtuais nos colocam, como os portais, são abordados por estratégias metodológicas que, geralmente, desprezam o fator tecnológico. A proposta desse artigo é problematizar essa questão e trazer pistas sobre métodos que não reduzissem os estudos da área somente ao aspecto social.

Palavras-chave:

Metodologia; tecnologia; internet; portais; Construção Social da Tecnologia.

1. Introdução

A Rede Mundial de Computadores é um desafio para os estudiosos de Comunicação. Ela comporta milhões de situações comunicativas; aproxima interlocutores; reinventa os conceitos de receptor e de emissor; movimenta fóruns de intensa repercussão e até tangencia o tempo real. Há muito a pesquisar na e sobre a Internet, mas, diante de um objeto tão complexo, novos procedimentos metodológicos são necessários. Como se apropriar, por exemplo, de um portal, que é uma passagem para outros mundos, e no qual a frase shakespeariana por ser muito bem aplicada: “o universo numa casca de noz”?

¹ Trabalho apresentado no NP Teorias da Comunicação, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² **Janara Sousa** é jornalista, mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília e doutora em Sociologia, na linha de pesquisa Educação, Ciência e Tecnologia, também pela Universidade de Brasília, e fez doutorado-sanduíche na Universitat de Barcelona, em Barcelona, na Espanha. E-mail: janara.sousa@gmail.com.

³ **Elen Geraldles** é jornalista, mestre em Comunicação (USP) e doutora em Sociologia (UnB). Estuda teorias e métodos de pesquisa em Comunicação e a inserção do Jornalismo na sociedade contemporânea. É professora da graduação e da pós-graduação da Universidade Católica de Brasília - UCB. E é diretora da graduação em Comunicação da UCB. E-mail: elen@ucb.br.



Neste artigo faremos vários apontamentos sobre as dificuldades de se analisar um portal; os limites da utilização de técnicas como a análise discurso para fazê-lo, e as pistas para a construção de uma metodologia própria, mais abrangente, para se abordar o tema. Mas, em primeiro lugar, devemos tentar responder à questão: o que os portais têm a dizer aos estudiosos de Comunicação?

Podemos identificar pelo menos três razões em que o estudo dos portais é significativo. O portal é uma passagem e representa uma espécie de triagem e de hierarquização sobre um assunto, permitindo-nos alcançar rapidamente outros níveis, visualizar outros espaços. O pesquisador de Comunicação pode se interessar por essa força aglutinadora do portal, por sua capacidade de abarcar informação. Os portais também são importantes porque muitas vezes são espaços institucionais; por meio deles, é possível entender como uma instituição aprende/compreende determinado tema, o que omite, inclui, ignora ou prioriza. Por fim, os portais são meios de Comunicação, o que torna importante pesquisar seu conteúdo, *layout*, linguagem, interatividade, entre outros aspectos.

2. Uma questão de método

Os estudos da Comunicação têm historicamente obliterado uma discussão mais profunda sobre o tema da metodologia na área. Os esforços em torno da questão teórica e epistemológica têm sido evidentes. A Comunicação caminha no sentido de se tornar uma disciplina autônoma (SOUSA, 2003). Apesar das evidentes divergências entre os teóricos sobre a data de nascimento, objeto de pesquisa e o próprio conceito de comunicação, é possível perceber que uma base comum tem sido sedimentada: considerar que essa disciplina se preocupa apenas com o processo comunicacional mediado:

Os processos comunicativos no interior da cultura de massa constituem certamente o objeto da Comunicação, mas a característica inalienável, e, portanto, mais própria a esta disciplina, reside na perspectiva que ela adota, ou seja, na interpretação desses processos tendo como base um quadro teórico dos meios de comunicação. Trata-se de uma leitura do social realizada a partir dos meios de comunicação, o que equivale a dizer que os meios de comunicação e cultura de massa não se opõem, nem podem ser reduzidos um ao outro, ao contrário, eles exigem uma relação de reciprocidade e complementação (MARTINO, 2001, p. 31).



Como Martino coloca a maioria dos pesquisadores da Comunicação já apontam o meio de comunicação como elemento fundamental do seu objeto de estudo. O que implica dizer que os estudos da área estão atrelados às inovações tecnológicas e às sociedades contemporâneas (MARTINO, 2001). Ou, mais precisamente, o objeto da Comunicação é tecnológico.

Seguramente, essa conclusão não é uma novidade até porque vem sido repetida já há alguns anos por autores importantes da nossa área. Nada obstante, abriu-se uma lacuna entre os esforços do campo epistemológico e metodológico, na medida em que o primeiro avança nas discussões e sedimenta conclusões importantes e o segundo se estagna nos locais seguros dos clássicos procedimentos metodológicos, via de regra tomadas emprestados de outras áreas, como: a Sociologia, a Lingüística e a Psicologia.

Como evidência, basta examinar alguns planos de ensino da cadeira Metodologia de Pesquisa em Comunicação dos programas de graduação e pós-graduação. Análise do discurso, análise do conteúdo, estudos de recepção e outros clássicos utilizados de maneira geral para estudar o processo comunicacional, independentemente do meio de comunicação que for alvo do estudo.

Quanto esse tipo de estudo, não temos nada contra. Sem dúvida, eles dão e continuarão a dar boas pesquisas na nossa área. Contudo, eles também revelam que a assumpção feita pelos epistemólogos e teóricos não foi assumida pelos metodólogos: de assumir os meios como peça-chave nos estudos da Comunicação.

Esse fato é flagrante porque no campo das pesquisas em Comunicação, no que se refere às opções metodológicas, os autores seguem, via de regra, dois caminhos:

- a) O primeiro, que, sem dúvida, é o mais comum é partir para metodologias que reduzem tudo ao social. Ou seja, o foco está na ação humana. Isso implica dizer que o técnico é dado, é neutro e, logo, esquecido. Nesses estudos, a dimensão técnica é desvalorizada, enquanto o aspecto social é o centro. Assim colocado, num trabalho dessa natureza não interessa ao pesquisador o meio de comunicação que está em questão. Aliás, em última instância, não faz diferença sequer se o processo comunicacional é mediado ou não.
- b) O segundo, menos comum, é o perfeito oposto: a via do determinismo tecnológico. Daí o social é esquecido em nome de uma técnica que tudo determina. São os estudos que colocam o foco no aspecto tecnológico e obliteram, ou dão menos atenção, a ação humana. Nesse sentido, o trabalho de



campo revela-se desnecessário já que ação humana é definida *a priori* pelo meio de comunicação em questão.

Quando partimos para estudar a interação social na Internet, a qual Martino (2007) classifica como um meio-ferramenta, já que demanda a ação humana e gera a experiência social, a fragilidade metodológica da nossa área fica ainda mais evidente. Isso porque os estudos do ambiente virtual nos colocam na encruzilhada desafiadora: se a dimensão não for valorizada estamos negando o nosso próprio objeto e, sem dúvida, perdendo a grande oportunidade de compreender a dinâmica das interações sociais que acontecem nesse ambiente tecnológico.

No âmbito da teoria da Comunicação, é perceptível também correntes de pesquisa e estudiosos que voltam seu foco de interesse para a Internet. Teorizam sobre esse meio, mas os pés-de-barro dessas teorias são exatamente porque elas não vêm acompanhadas por uma reflexão metodológica.

A questão do método se coloca então como crucial para desenvolvermos pesquisas na área da Comunicação na medida em que o discurso e o social já não respondem mais às nossas perguntas.

3. O caminho do meio

A pretensão desse artigo é valorizar os meios de comunicação nas pesquisas na área da Comunicação. Assim colocado, nos interessa, obviamente, compreender o processo de comunicação mediado sem perder de vistas as idiossincrasias de cada meio que abriga esses processos.

A primeira pergunta é, talvez, agora a mais óbvia: o que é um meio de comunicação? Responder essa pergunta é um desafio porque no âmbito dos estudos da Comunicação este tema foi pouco discutido, pouco refletido, pouco problematizado. Por quê? Ora, pela “materialidade” de outros aspectos que tangem o processo comunicacional mediado, como a mensagem, os receptores, os emissores. O meio desapareceu na mesma medida em que as “funções” e o que está ao redor dele emergiram como os clássicos problemas de pesquisa na área da Comunicação.

“O meio é a mensagem”, afirmou na década de 60 o polêmico e inspirador pesquisador Marshall McLuhan, que dedicou sua pesquisa ao impacto dos meios de



comunicação eletrônicos. McLuhan é o pai fundador da corrente de pesquisa conhecida como Teoria do Meio e fez discípulos interessados, como Joshua Meyrowitz, em continuar seu legado respeitando o interesse em investigar os processos comunicacionais, tomando como foco o impacto dos canais. Ou seja, McLuhan nunca acreditou no papel secundário das tecnologias: “Todos os hipopótamos, rinocerontes e elefantes do mundo reunidos numa cidade não dariam nem para começar a criar a ameaça e a intensidade explosiva do engenho da combustão interna” (MCLUHAN, 1964, p. 248).

O meio é a mensagem, ou seja, a mensagem crucial de qualquer meio de comunicação é a sua própria existência. Contudo, a afirmação de McLuhan (1964) jamais poderá ser entendida se não investigarmos o que é um meio de comunicação.

Os canais, sem dúvida, foram objeto de menos interesse da Academia. Conteúdo, receptores, emissores sempre tiveram mais espaço nas universidades e nas bibliografias sobre Comunicação. Entretanto, acreditar que o meio propriamente dito não importa, ou seja, que ele seja um mero transmissor, pode ser perder uma grande chance de entender mais profundamente o impacto das tecnologias comunicacionais. É incorrer na perspectiva ingênua de que a tecnologia é neutra, tal qual problematizamos no tópico anterior.

Para McLuhan (1964) o meio é pouco estudado porque ele está aí! E parece tão óbvio seu significado, seu conceito, que dispensa investigação. Ocorre com ele o mesmo que problematizamos anteriormente sobre a tecnologia: é algo dado. Mas, vale tentar ver o que está atrás de algo aparentemente tão óbvio.

O foco no conteúdo das mensagens dos meios é popular por várias razões. Primeiro, o conteúdo dos meios – na sua forma manifesta – tende a ser o aspecto mais óbvio do processo comunicacional. Isto torna o conteúdo dos meios um ponto importante de estudo. Além disso, o conteúdo dos meios tende a focar em aspectos da comunicação que não são específicos. De fato, a maior parte dos elementos do conteúdo envolve comportamentos, temas e tópicos que são utilizados facilmente por vários tipos de meios de comunicação e entre interação mediada e não-mediada (Trad. livre) (MEYROWITZ, 1998, p. 98).

Procurar na literatura acadêmica da Comunicação o que é um meio de comunicação é a prova de que o assunto foi pouco pesquisado. Basta procurar em qualquer dicionário da área para constatar esse fato. A resposta mais comum é afirmar que os meios de comunicação são transmissores de informações. Desaparece o meio,



aparece a mensagem. Portanto, não pudemos nos furtar a dar uma clara explicação sobre o que é meio de comunicação.

Para McLuhan (1968) os meios de comunicação são extensões do homem. Claro! Toda a tecnologia de alguma forma o é. São maneiras dos homens expandirem suas capacidades limitadas para dominar a natureza. Porém, o especial nos canais é pensar quais partes do nosso corpo eles estendem. Conforme o pesquisador, os meios são extensões dos nossos órgãos do sentido. “De forma geral, o homem utiliza a tecnologia para agir sobre o mundo. Os meios de comunicação multiplicam a energia e a velocidade do sistema físico e nervoso e, conseqüentemente, interferem na nossa forma de ver o mundo” (SOUSA, 2003, p. 76).

Martino (2007)⁴ vai mais além, para ele a principal diferença entre os objetos técnicos em geral e os meios de comunicação é que os primeiros produzem uma ação sobre o mundo, enquanto os meios de comunicação são técnicas de representação ou tecnologias do simbólico.

Martino é um dos poucos pesquisadores que se preocupa em entender o que são os meios de comunicação. Deste modo, ele propõe uma instigante definição. O autor defende que a comunicação é a interferência técnica nos processos simbólicos. Ou, mais precisamente, os meios de comunicação são simulações tecnológicas da consciência e o principal produto deles é o compartilhamento da experiência social.

Os meios de comunicação são, então, objetos técnicos que guardam uma relação bastante especial com a consciência na medida em que se manifestam como uma extensão da consciência ou, como nós preferimos dizer, como simulação da consciência.

Dessa forma nós chegamos a uma definição conceitual – os meios de comunicação são simulações da consciência – bastante simples, mas que pode abrir algumas novas perspectivas no estudo dos meios de comunicação (MARTINO, 2000, p. 110).

Assim colocado, Martino (2000) vai à contramão dos que acreditam na pouca importância dos canais. Muito além do conteúdo que eles podem trazer, o autor argumenta que os meios não só viabilizam o acesso à experiência social, como também a geram. Aliás, ainda conforme o autor, um dos efeitos dos canais é que eles alargaram e muito a experiência social, tendo em vista que eles complexificam o momento presente.

⁴ Notas de aula colhidas na Faculdade de Comunicação, da Universidade de Brasília, em abril de 2007.



Para Martino (2007) os meios de comunicação problematizam a realidade. A mediação interfere diretamente no acontecimento e é por essa razão que o autor coloca que os meios também geram a experiência social. Por conta desses canais o nosso presente se tornou mais extenso, os meios geram a atualidade. O nosso social se identifica com o comunicacional porque ele precisa ser compartilhado com a sociedade e esse esforço só se realiza mediante a mediação tecnológica dos canais (MARTINO, 2007).

4. Muito além do discurso

A primeira constatação do pesquisador de Comunicação é a grandeza desse objeto: a Internet. Um portal, em geral, engloba vários gêneros e tem espaços de informação, entretenimento, anúncios. Embora as revistas e os jornais, por exemplo, tenham essa diversidade, a diferença dos portais é sua característica remissiva: eles apontam para outros sites e não se fecham. Portais são mundos em transformação.

Por serem remissivos, os portais mudam diariamente. São atualizados e ampliados. Como recortar esse objeto em transformação? Como imobilizá-lo para a análise? Por outro, a dinâmica das interações sociais que se travam ali tendem a ser mais intensas do que em outros *sites*, já que uma das características que diferenciam o portal de outras páginas *web* é exatamente a capacidade de dispor mecanismos técnicos que facilitem a interação entre os usuários e entre os usuários e os produtores do portal.

O pesquisador fica seduzido a imprimir tudo para proceder às categorizações. No entanto, até esse exercício é arriscado: um dia de portal pode gerar dezenas de páginas, e mal a impressora tenha terminado seu trabalho, outras dezenas podem ter sido postadas. Só há sentido em pesquisar o portal como processo, e não produto.

Isso porque a política de cada rede que os portais criam em torno deles é moldada não só pelo social, mas também pelo tecnológico. As possibilidades de interação e participação social, num ambiente virtual, são construídas tecnologicamente e socialmente. Por isso, trata-se de um processo dinâmico.

Para abordar metodologicamente esse fenômeno que consideramos como um “objeto híbrido”, expressão que Latour (2000) utiliza para denominar esses fenômenos cujas origens são tanto sociais quanto técnicas, é preciso ir além das nossas clássicas



metodologias emprestadas. Não obstante a relevância de cada uma delas, é preciso vencer suas limitações e ir além do social.

É preciso, mais objetivamente, ir além do discurso da importância seminal dos meios de comunicação no nosso objeto de pesquisa. É necessário levá-lo também para a prática de campo.

Como viemos discutindo até aqui, muitos investigadores ao se deparem com um portal, como esse universo em expansão, optam pelos lugares seguros das metodologias já utilizadas e justificadas. Em geral, percebe-se a proliferação de trabalhos dessa natureza apoiadas pela Análise do Discurso. Ainda que no limite de uma interpretação super abrangente tudo fosse discurso, essas investigações abarcam somente a dimensão social. Nesse sentido, o fato de ser um portal, um conversa por telefone, ou ser um grupo que se reúne num bairro da cidade não faz a menor diferença. O aspecto tecnológico desaparece diante da ação social.

A nossa proposição é que os estudos da Comunicação, especialmente no que toca aos ambientes virtuais, passem a incorporar uma dimensão sociotécnica. Na medida em que as causas e efeitos da dinâmica que ocorrem nessas comunidades virtuais têm origem tanto nos elementos humanos, quanto nos não-humanos. Esse olhar sociotécnico ou simétrico é proposta pela corrente de pesquisa conhecida como Construção Social da Tecnologia, a qual abarca autores como Bruno Latour, Michel Callon, Bijker e Karin Knorr-Cetina.

Para esses autores, os estudos que tratam de tecnologias, como é o nosso caso, não podem desprezá-la. Isso porque o social é tecnicamente construído e a técnica é socialmente moldada (BIJKER, 1995). “A sociedade não é determinada pela tecnologia, nem a tecnologia é determinada pela sociedade. Ambas surgem como duas faces da moeda sociotécnica durante os processos de construção de artefatos, fatos e grupos sociais relevantes” (Trad. livre) (BIJKER, 1995, p. 274).

A proposta da Construção Social da Tecnologia é olhar os fenômenos, para as interações e conexões que se formam, sem fazer distinção *a priori* dos atores sociais e dos objetos. Mais importante ainda: valorizando na investigação a presença dos dois e compreendo a importância de cada um. O que compõe a rede? O que está na origem das causas e dos efeitos? A resposta para essas perguntas não deve excluir a rede de atores, humanos e não humanos, que compõem o universo pesquisado.

Ou seja, investigar um portal quer dizer mergulhar na dinâmica das interações sociais e tecnológicas que ocorrem dentro dele. Mapear as conexões e descrever a rede



sem fazer distinção *a priori* do que é humano e do que é não-humanos, já que ambos determinam a dinâmica social desse ambiente.

Os portais compõem redes sociotécnicas, não fosse assim, nem se quer estariam funcionando, já que para tanto requerem um concurso de fatores sociais e tecnológicos. Para ilustrar essa questão vale à pena apresentar os resultados de um dos poucos trabalhos, que encontramos, que analisou um ambiente virtual a partir da trilha teórica e metodológica da Construção Social da Tecnologia. O pesquisador espanhol Adolfo Estalella (2005) relata, no seu artigo “*Filtrado colaborativo: la dimensión sociotécnica de una comunidad virtual*”, a experiência de uma análise que fez do portal espanhol “Barrapunto”, voltado para discussão de temas de informática, como *softwares* livres. Uma das conclusões a qual Estalella (2005) chega é que ele jamais poderia ter reduzido a investigação ao social, já que:

A política do Barrapunto se faz por meio de sua arquitetura técnica. A comunidade constrói seu próprio significado para a arquitetura técnica e intervém no desenvolvimento material. A arquitetura modela a comunidade e a comunidade dá forma a sua arquitetura técnica (Trad. livre) (ESTALELLA, 2005, p. 4).

Estalella (2005) argumenta que nessa pesquisa ele jamais poderia ter escapado pela via do determinismo tecnológico e nem do reducionismo social porque os componentes humanos e não-humanos, os *actantes*, formam uma rede complexa que para explicá-la, para entender suas conexões, suas causas, sua dinâmica não se pode fugir da empresa de não discriminar as causas sociais e as tecnológicas, de buscar a origem sociotécnica do fenômeno.

Essa pesquisa de Estalella (2005) é uma evidência de como esses fenômenos de origem sociotécnica precisam ser abordados. São fenômenos cujas relações sociais se dão num ambiente tecnológico, que define e é definido pelo social. Num portal, ou em outro espaço da *web*, o artefato tecnológico não pode ser obliterado. A presença da técnica não é decorativa. Ela, sem dúvida, orienta as ações humanas e é orientado por estas.

O universo de possibilidades que um portal abre é, sem dúvida, desconcertante. As várias portas que se abrem diante do investigador podem assustar e conduzi-lo a metodologias que o levem a congelar momentos e analisá-los perdendo de vista a dinâmica do funcionamento da rede e, em última instância, fazê-lo desconsiderar completamente o papel da tecnologia. Esse é um dos caminhos seguro a cumprir e, não



raro, é trilhado. Muitas vezes o pesquisador até reflete sobre o meio, teoriza sobre a Internet, mas no trabalho de campo as pistas da ação do não humano são obliteradas. Isso, sem dúvida, revela o avanço em considerar o meio de comunicação como um fator importante e, em especial, o trabalho dos teóricos que refletem sobre a Internet. O outro lado da moeda revela que a discussão metodológica não acompanhou a teórica.

Sem embargo, esse é um cenário de amplitude maior. É o resultado do processo histórico das Ciências Humanas e Sociais de estudar a tecnologia pela portas do fundo da ciência. De desconsiderar o papel dos artefatos e de considerá-los neutro na essência e se centrarem na ação humana como se essa explicasse sozinha a dinâmica desses fenômenos híbridos.

5. Considerações finais

Acreditamos que urge o fomento de uma discussão metodológica para a Comunicação. O fortalecimento do campo, o crescimento das escolas de comunicação e o aumento e desenvolvimento dos cursos de pós-graduação, sem dúvida, proporcionaram a ela um papel de destaque e respeito. A proliferação de bibliografia sobre a área também é outro indicador desse fortalecimento.

Porém, o debate sobre a metodologia ainda não foi plenamente enfrentado e não há como uma área do conhecimento se tornar autônoma sem que se avance a discussão sobre o método. Ou seja, não há como a pesquisa em Comunicação se desenvolver se ela esbarra na questão metodológica.

O que apontamos aqui não se trata necessariamente de devolver os métodos que tomamos emprestados para suas áreas de origem e passar a buscar os nossos próprios abdicando de toda a pesquisa que as Ciências Humanas e Sociais já construíram sobre essa área. Está claro que partir do ponto zero seria uma perda de tempo. Trata-se mais propriamente de se engajar no debate que as Ciências Humanas e Sociais vêm travando sobre o tema da tecnologia, tanto do ponto de vista teórico, quanto metódico.

Especialmente no que concerne a análise da Internet percebemos a lacuna na questão do método ainda mais evidente. A Internet é um “objeto rebelado” (FRANCISCO, STEFANELLO e SOUSA, 2008) que nos obriga e desafia a criar e combinar quadros explicativos e estratégias metodológicas. O risco de não cumprir o desafio é negar o próprio objeto, é manter o mesmo método para toda e qualquer



análise, como se o meio não fosse importante, é, no limite, chegar aos mesmos resultados por causa dos procedimentos metodológicos ancorados ou no determinismo tecnológico ou no reducionismo social.

O que fizemos aqui foi apresentar o problema e propor algumas pistas, como o olhar sociotécnico para os fenômenos comunicacionais. Sem dúvida, sabemos que adotar a corrente da Construção Social da Tecnologia não é a solução definitiva para o nosso problema. Mas, defendemos que no que toca à análise dos portais, ambientes virtuais extremamente complexos, ela pode ser de especial ajuda já que coloca para o investigador o desafio de olhar os fenômenos sociais além das velhas dicotomias, como social e natureza; e humano e não-humano. Ou, mais precisamente: propõe-nos o desafio do olhar simétrico.



Referências

BIJKER, Wiebe. **Of Bicycles, Bakelites, and Bulbs: Toward a Theory of Sociotechnical Change**. Cambridge, Mass., The MIT Press, 1995.

ESTALELLA, Adolfo. “Filtrado colaborativo: la dimensión sociotécnica de una comunidad virtual”. **UOC Papers** [artículo en línea]. N.º 1. UOC, 2005.
<http://www.uoc.edu/uocpapers/1/dt/esp/estalella.pdf>. Acesso em: Jan 2009.

FRANCISCO, Alberto de; STEFANELLO, Grace e SOUSA, Janara. “A rebelião do objeto – a incapacidade das orientações teóricas e metodológicas da Comunicação em explicar a Internet”. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom)**, 31, 2007. CD-ROM.

FREIRE, Leticia de Luna. **Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica**. Acessado em maio de 2007. Disponível em: www.facha.edu.br/publicacoes/comum/comum26/artigo2.pdf.

LATOURE, Bruno. “Como terminar uma tese de sociologia: pequeno diálogo entre um aluno e seu professor (um tanto socrático)”. In: **Caderno de campo: revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia Social da USP**. São Paulo: Departamento de Antropologia/FFLCH/USP, 2006, vol.15, n. 14/15, pp. 339 a 352.

LATOURE, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. Editora UNESP: São Paulo, 2000.

MARTINO, Luiz. **Notas de aula**. Colhida na Faculdade de Comunicação, da Universidade de Brasília, em abril de 2007.

_____. “Interdisciplinaridade e objeto de estudo da comunicação”. IN: **Teorias da comunicação: escolas, conceitos e tendência**. HOHLFELDT, MARTINO e FRANÇA (orgs). Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

_____. “Elementos para uma Epistemologia da Comunicação”. In: Fausto, A. N. (org.). **Campo da Comunicação**. João Pessoa: Editora Universitária, 2001.

_____. “Contribuições para o estudo dos meios de comunicação”. **Revista Famecos**. Porto Alegre: PUC-RS, 2000, n.º. 13, pp. 103-114.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.



_____. **Os meios são as massa-gens**. Rio de Janeiro: GB. Tradução de Ivan Martins, 1969.

MEYROWITZ, Joshua. “Multiple Media Literacies”. **Journal of Communication** 43 (3). New York, Summer, 1998. pp. 96-108.

SOUSA, Janara. **Contribuições, limites e desafios da Teoria do Meio**. Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, 2003 (dissertação de mestrado).